

Pseudônimo AUTORA: STEFFANA VICCARI

Autor: *Bláudia Vicari Zanatta*

OS PIONEIROS
OU
A MERDA QUE NÓS FIZEMOS

PERSONAGENS:

PUPÁ
MAMA
MANETTO
MASSIMO
NONO
MANA

PALCO:

Há no palco uma espécie de carro alegórico imitando uma gruta. Mama e Pupá estão arrumando-o, pendurando umas samambaias de plástico. Nono está sentado próximo em uma cadeira de balanço. Balança-se e cantarola uma música dos Mamones Assassinas: "Sabão crá-crá".

Mama- Ma que. Pára com essa cantoria, nono. Tasi. Quietos.

Pupá- Ma cosa vuto que ele cante? Il Mazzolin di Fiori?

Mama- Qualquer cosa que non seja queste blasfêmie!

Pupá- (Indo até ao nono). Nono, nono. Stá fermo. Quietos nono! (Não pára de cantar e fica olhando-o seriamente, continuando a balançar-se). Canta comigo, nono. Com voz de barítono: Il Mazzolin di Fiori... (Pupá começa a cantar, parecendo que encena uma ópera: gestos largos, voz emocionada. Nono canta junto o Mazzolin di Fiori). Isso, nono. Questo é música! (Pupá retoma o trabalho no carro, cantando. Mama e nono cantam, acompanhando-o).

(Entra em cena Massimo).

Massimo- Ma que esbórnia é questa? Ficaram lunáticos?

Mama- Eh, tu non deveria tá na fábrica questa hora, figlio?

Massimo- (Começando a ajudar a pendurar as samambaias). Non, hoje o escalssacam do Pascualotto liberô seus escravos. Ton fazendo dedetizassón lá na fábrica e von só as faxineras.

Mama- Dedetizassón?

Massimo- É; tá cheio de rato, traça, barata, um zoológico.

Mama- Viu como ele se preocupa com os funcionário?

Massimo- Ma que. Aquele lá, se fosse pelos funcionário, deixava é que subisse as barata até no pescoço. Desde que non atrapalhasse a produçõn, é lógico. Ele tá é com medo que os bichos comam os papelóm das embalage e entom mandô dedetizá aquela pocilga, o scalssacan.

Mama- Non besteme, é?... (Mama olha para um retrato de Cristo que há no alto do carro alegórico. Esse retrato possui colado no peito um coração de plástico com uma luzinha pisca-pisca vermelha). Ma varda que cosa há sucedido. Queimo

a luzinha do Sagrado Corazón de Jesú.

(Nono recomeça a cantar Sabão Crá-cra).

Pupá- Ma que? Queimo a luzinha? (Sobe no carro e examina a figura de Cristo).

Mama- Vitu? (Indica o nono). É por causa destas blasfêmia que acontecem essas desgraças. Em anos o Corazón de Jesú nunca se apagou. Agora taí, sofreu um curto.

Pupá- Stá quieta. Stá ferma. Vô vê se conserto. Deve sê só um mau contato. (Pupá começa a mexer no retrato, tentando a retirada do coração para conserto).

Mama- Mássimo, vê se faz o nono se calar, senon vô ficá loca com tanta imundície que sai daquela boca.

Mássimo- Que imundície? Má é só o sucesso das parada. (Vai até ao nono). Nono, noninho, vamo conversá. Como é que tá a ciática, nono?

Nono- Mi son viegnú de L'Itália.

Mássimo- Si, nono. Má e a ciática, como está?

Nono- Son viegnú de L'Itália. (Conforme o nono vai falando, a parecem slides de fotos dos pioneiros italianos chegando na Serra Gaúcha, a construção de suas casas, igrejas, famílias. Os slides aparecem exatamente atrás do nono que interfere na projeção com seu corpo, mesclando-se às imagens). Chegamo aqui dia de Santa Suzana. Era tudo mato. Tudo. Mosquití, bichi, cobra, jararaque. Tua nona non queria descê da carroça. Tive que pegá o facón e derrubá il mato. Quanta planta que gó derrubá, porco Dio. E tua nona na carroça me zingando tuto il tempo. A cada praga que ela dizia, io derrubava una árvore. Primero, construímo la chieza. Bela. Bela. Chieza em homage à virge Maria Santíssima. Dopo, piú tarde, o plano era construí uma torre e botá lá em cima...

Mássimo- Si, si, nono. Já ouvi essa história mais de mil vez. Já si, nono. Chega.

Nono- Botá lá em cima a estátua da virge com manto de ...

Mássimo- Chega, nono. Já sei de tudo isso. Quietos. Quietos.

(Nono aquieta-se e olha para o neto. Depois, recomeça a embalar-se na cadeira e a cantar Sabão Crá-cra. Os slides terminam e há agora a projeção do elefante Dumho voando placidamente. Ele voa sorrindo, tranquilo. De agora em diante, sempre que o nono cantar uma música, aparecerá a imagem do elefantinho voando num céu azul).

(Mássimo faz sinal de eu desisto e volta a trabalhar no carro alegórico).

Pupá- Consequi! Extraí o corazón de Jesú Cristo! (Ergue o coração de plástico, vitorioso). Agora vamo vê onde foi a

- pane.
- Máximo- Vai vê entupiro as coronária...
- Pupá- Acho que a fiaçón tá podre. Vô trocá por una nova.
(Entra em cena o filho do meio, vestido de branco, com um turbante onde há um grande rubi vermelho. Pupá e mama dão um salto para trás, assustados). (O filho tem aparência delicada. No momento em que ele entra em cena nono começa a cantar o Robocop Gay. Dumbo voa no céu azul).
- Pupá- Ma que é isto, porco Dio?
- Mama- Figlio, que é?
- Manetto- Nada, ué? Como está o trabalho?
(Todos observam Manetto).
- Mama- Figlio mio, ma perque questa ropa?
- Manetto- É bom se acostumar, mamãe. Aliás, é bom todos se acostumarem. Esse é o traje oficial que usarei daqui em diante.
- Pupá- Que? Traje oficial? Que invençón é essa, Manetto? Arru mô trabalho onde agora? No circo?
- Manetto- Papai, eu já tenho um trabalho e você sabe muito bem disso.
- Pupá- Trabalho? Trabalho? É trabalho de homem ficar o dia to do naquele salón pintando e penteando o mulherio?
- Máximo- Pai lá certa. Aquilo lá é um bando de burguesa que não sabe onde gastar o dinheiro do marido. Nunca pegaram no pesado. Nem sabem nem lavar um prato.
- Pupá- E o nome do salón? E o nome? Estética Arlete's. Porco Dio, chego a ficá deante só de te imaginá lá dentro segurando uma escova.
- Mama- Figlio, essa ropa é prá atender no salón?
- Manetto- Não, mamãe. Esse é meu traje oficial, já disse.
- Pupá- Na traje oficial de que?
- Manetto- Traje oficial do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.
- Pupá- Que?
- Manetto- É isso.
- Pupá- Na que círculo de pensamento é questo?
- Manetto- Ai, papai. Já te expliquei mais de cem vezes que eu mais uns amigos nos reunimos para preparar o advento da Grande Espiritualidade. Já te convidei prá participar das sessões. Aliás, estão todos convidados. Viu, nono?
(Nono embala-se cantando Robocop gay. Dumbo voa).
- Mama- (Caindo de joelhos). Ai, Jesú! Ai, Virge Santíssima. Perque me coube este fardo? Perque fui merecer esse desgosto? Na perque?
- Manetto- E agora, dão licença que vou fazer minha ginástica res

piralória.

(Vai até um canto do palco e começa a realizar exercícios de ioga).

Mama- (Corre até o pupá). Vitu? que fazemo? Que fazemo com essa cruz?(Aponta para Manetto).

Pupá- E io é que sei? De pequeno, quando quis corrigir, tu dizia: "Deixa o bambino que ele é frágil". (Diz imitando a voz da mama). Agora a fragilidade deu nisso: Comumhom de pensamento.

Manetto- Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.

Mama- Ma figlio, perque tu usá te metê nessas coisa? Se tu gosta de reza, figlio, perque nom entra pros capuchinho? Eles também usa capuz. Ia sê a alegria da tua mama. (Olha para o céu do Dumbo e faz uma expressão de beatitude). Um figlio padre!

Manetto- Isola, mamãe.

Pupá- Ma que isola mamãe. Perque nom dá essa alegria prá tua mama? Perque tu nom dignifica o nome dessa casa, ã, Manetto? Olha, na Igreja tu pode até fazê carreira. Começa pequeno, cheo, um padrezinho, dopo vira um ministro, depois um bispo, um arcebispo, um cardeal. Quiçá temo um Santo Papa escondido debaixo deste turbante.

Mama- (Caindo de joelhos). Santa Suzana! Santo Homobon! Como queria que essas palavra se realizasse. O Santo Papa saído del mio ventre!

Pupá- Da mia semente!

Manetto- Dá um tempo, tá?

Nono- (Slides com cenas dantescas, pestes). Il Santo Papa que instituiu as Massime Eterne com tuta las penas do inferno em detalhe:

Nel principio i vermi há de manggiare i pic,

i denti rangeran,

lode subirá até il pescoço,

acqua fervente consumirá os olhos;

Secundo: Sergimento di espiriti maledeti que levaron às profundidades tenebrosas i almi condenai.

Vercicalo tercero: Il cielo nunca será mai visto.

Só imundície. Imundície e...

Mássimo- (Batendo no ombro do nono). Nono, per caritá, nono. Cala-te, quieto. (Nono olha para Máximo seriamente e recomeça a balançar a cadeira e a cantar. Canta agora Pelados em Santos. Frajeção de Dumbo voando no céu, sorrindo calmo).

Mássimo- Dio bono, desisto!

Manetto- Deixa o nono, deixa ele ser feliz.

Pupá- Sê feliz com essas música? Com esse repertório?

Manetto- Ora pap i, metade do Brasil é feliz com essas músicas.

Pupá- E a outra metade, infeliz! (Date com um martelinho o Sagrado Coração de Jesus).

Mama- (Dirigindo-se ao pupá). Ma tá querendo destruí o Coração de Jesú? Vai com calma que isso é a relíquia da família, é?

Mássimo- Relíquia da família... Tamo bem de relíquia...

Mama- Quietos, é Mássimo? Cadê a irmã de vocês? Tá na hora de la experimentar o lugar no carro.

Mássimo- (Apontando para um banquinho colocado no carro alegórico, em meio às samambaias de plástico). A mana vai sentada aí?

Mama- Si.

Mássimo- Ma nem com banda de música. Nom cabe.

Mama- Ma como nom cabe?

Mássimo- Nom cabe porque tá um trombone.

Manetto- Tá um monstro, isso sim. Aquele dia em que fomos a Porto Alegre, ela quase me matou de vergonha entalando na roleta de ônibus.

Mama- Mássimo, Manetto, parem de falá da gordura da irmã de vocês que ela já tá complexada. Esse ano de tanto que incomodaram, ela nem quis participa da seleção prá escolha da Rainha da Festa da Uva.

Mássimo- Só faltava ela querê pagá aquele mico.

Pupá- Má que mico, o que. Esse ano até o presidente da República vêm prá festa. E vai ficá do lado da rainha.

Mássimo- Tu vê, Manetto, se a gente soubesse disso, teria deixado ela concorrê. Era capaz de sê eleita e na hora das festividade, a gente dava um jeito de empurrá ela em cima das autoridade. Com um golpe de sorte, esmagava nom só o presidente como também o prefeito. Um belo serviço prestado à Pátria.

Mama- Tasi, tasi. Quietos. Respeitem a irmã de voces e as autoridade.

Mássimo- Onde vamo colocá as uva? (Pergunta trazendo uma caixa com uvas de plástico).

Mama- Ma no Santo Sepulcro tinha uva?

Pupá- Se tinha uva nom sabemo, só sabemo que carro alegórico sem as uva pendurada eu nunca vi.

Mama- Ma como é que vomo imita o Santo Sepulcro nesse carro com um monte de uva? Chega a sê um sacrilégio.

Pupá- Viu como é difícil? Eu bem que te disse prá nós ir de Santa Ceia. Ia todo mundo aí em cima (aponta pro carro) sentado, comendo, bebendo; podia até botá uns violino no fundo.

- Mama - Agora é tarde. Vamo assim mesmo. Máximo, pendura as uvas perto das rouas que aí acho que nom vom chamá tanta atençon e a gente nom quebra o costume indo sem as uvas.
- Máximo - (Começando a pendurar as uvas). Tenho certeza que essas uvas nom vom chama a atençon. Nem que fossem de ouro. Com aquele trombolho da mana em cima do carro, ninguém vai oíhá prá mais nada.
- Manetto - (Ainda praticando ioga). Aliás, desculpem a interrupção, mas papel de que a mana, com aquela banha toda, vai representar neste Santo Sepulcro?
- Massimo - A gente podia espalhá per aí a notícia de que Jesú Cristo inchou depois de morto. Era só deitá a mana em cima do carro e tava feito.
- Mama - Ma pelo amor de Dio! Per Caritá! Parem de blasfêmia. Respeitem ao menos o hono de vocês. (Nono cantarola "Pelados em Santos" e Dumho continua voando no céu azul).
- Máximo - Tá. Mil perdões. Ma que mesmo a mana vai representá aí em cima? (Aponta o carro).
- Pupá - Vai de Maria Madalena.
- Manetto - Maria Madalena? Aquilo?
- Mama - Tu nom facilita é Manetto? Olha que te penduro aí em cima no papel de arcanjo, é?
- Manetto - Nom morto.
- Máximo - Ma tinha arcanjo no santo sepulcro?
- Mama - Tinha. Bambino mio, (Mama dirige-se a Máximo toda agitada) tu nom qué sê o arcanjinho? Tu tem uma carinha tom simpática...
- Máximo - Ma nem atado. Tom achando que io vô pagá essa mico? Ma desmoralizá perante a sociedade? Ma nem que fosse prá representá Dio Cristo Nosso Senhor eu ia.
- Mama - Sem corazón. E tu, pupá?
- Pupá - Io? Io o que?
- Mama - Tu nom qué representá o arcanjo?
- Pupá - Ma io??? Nom basta terem destruido il mio patrimônio material, agora querem também acabá com il mio patrimônio moral? Seria il fim mesmo se eu fosse aí em cima pendura o de arcanjo com aquela gorda de tua filha de Maria Madalena do lado.
- Mama - Ma vocês som uns bruto, mesmo! Nom tem o mínimo de sentimento artístico. Tamo aqui tentando representá uma das mais bela passagens bíblica e vocês nom querem a judá. Que mondo, Dio bono!
- Pupá - Ma perque tu nom vai de arcanjo, ã?
- Mama - Io? Una mulher de arcanjo?
- Pupá - Eco. Nom falam tanto de igualdade dos sexo? Acho que

tá mais que na hora de aparecê um arcanjo mulher.

Nanetto- É isso aí, papai.

Mama- Mas vocês som uns herege, mesmo. Querê mudá a Bíblia só porque som uns covarde? Nom respeitam as tradiçóm? Nom respeitam a Itália de onde vieram os nonos de vocês?

Mássimo- Olha, mama, eu ainda tenho dúvidas de que a Itália exista...

Pupá- Ma quem vai sê o arcanjo, afinal?

Nono- Itália, (Slides da Itália, pintores, escultores, cênas de óperas) península no Mediterrâneo; bela, bela, berço di i grandi mastri, da cultura e da arte. Berço da civilizaçóm...

Mássimo- (Olhando pensativo para o nono); Acho que o nono ia dar um bom arcanjo...

Pupá- É... Até que...

Nono- ...berço de (slides com fotos de papas, imperadores, Mussolini) imperatores, da religióm e del altíssimo clero.

Pupá- Máximo, pega as asa do arcanjo e vomo experimentá no nono prá ver como fica.

Nono- ...il Santo Papa, representante maior di tuti... (Mássimo traz umas asas e coloca-as no nono):

Mássimo- Quieto, nono. Quieto. (Nono quieta-se e deixa Máximo colocar as asas e uma búriola. Feito isto, Máximo afasta-se para apreciar. Nono recomeça a balançar-se e a cantar o Vira, dos Baxanos Assassinas. O elefante Dumbo recomeça a voar alegremente).

Mama- É... Até que nom ficô tom mau...

Pupá- Se desse prá ele ficar de boca colada às convencó mais...

Mássimo- Olha, cantando assim acho impossível ele br no carro. Ai sim é que o património moral da família vai pro saco. Com a mana de Maria Madalena pesando 100kg e o nono de arcanjo cantando "Pelados em Santos", nom há património moral que resista.

Nanetto- Só se a gente colocasse um som no carro. Algo assim como aquela música do Wando...

Pupá- Nom. Está música vai complicá tudo. Ia ter de arrajjá uma bateria. Arrumá ficóm. Nom dá.

Mássimo- E se a gente botasse umas pólvora?

Mama- Pólvora?

Mássimo- É. Estourá umas pólvora durante o trajeto. Além de encobrir a cantoria, ia dá um efeito bonito: o nono de arcanjo, a Maria Madalena do lado e umas pólvora pipocando o tempo todo.

- Mama- E tu na frente gritando que é o Natal luz. Yasi, é Máximo.
- Máximo- Se não gostarem, retiro a idêla. Tudo bem. Só o que não vai dar é o nono ir com esse repertório.
- Pupá- O arcanjo nem podia ir comendo mingau? O nono só ca-la a boca quando come o mingau...
- Mama- Manetto, tu nem qué ensaiá com o nono umas outra música prá vê se troca o repertório.
- Manetto- Ensaiar com o nono? Ainda esta...
- Mama- Ele aceitô ser arcanjo no teu lugar, agora vê se co-labora um pouco.
(Manetto vai com pouca vontade até ao nono que canta Robocop Gay).
- Manetto- Nono, noninho. Quietos. (Nono aquieta-se). Vamos ensaiar, noninho. O senhor vai ser um arcanjo de primeira. Vai arrasar na avenida. Caxias inteira vai ficar plasta de te ver, nono. Vamos lá. Deixa ver... Vamos esquecer, nono. Abrir o peito. Saltar o gogô. Comio: dó, dó, lá, lá, dó, dó, dó. (Nono repete). Agora con-nige noninho: "Pode crê..." (Canta um pagode do grupo Raça Negra ou qualquer outro pagode). Repete con-nigo nono: "Pode crê..." (Após três tentativas, nono repete e os dois cantem a música). Noninho, podemos até fazer uma coreografia. (Os familiares observam des-confiados). Assim, ó. (Manetto faz uma salamaleque, imitando movimentos de dança egípcia com as mãos. Ho-no acompanha-o, feliz da vida. Dumbo vos alegre. Nono e Manetto repetem a música e a coreografia).
- Mama- Na Dio Cristo, Manetto, per caritá, cara lá fazendo?
- Manetto- Gostou, mamãe? De novo, nono. (Repetem a música e a coreografia).
- Pupá- Que percaria tu tá ensinando pro nono?
- Manetto- Gostou, papai? O nono vai ser um arcanjo sentimen-tal-pop, beirando ao pós-moderno.
- Pupá- Na que pós-moderno? Isso aí prá mim é frescura. Tá pior que antes.
- Mama- Na de onde tu tirô essas músicas? Nem é isso que nós queremos.
- Manetto- Mas o que vocês querem, ein? Querem que ele cante u-na do Roberto? Eu ensino.
- Mama- Na que Roberto. Tu tem que ensiná prá ele as canto-ria tradicional. As música que sempre se usa nos dog-file, Dio Cristo. Tu tem que treiná com ele o Harzo-lin di Fiori, à Mérica, Mérica, Mérica.
- Manetto- Pára, mamãe. Todo ano é a mesma lenga-longa: Mérica

Lérica, Mérica, essa será quinta Mérica... (contando de- buchando) e aquela mente de bancário, madona, filhi- nho de papai em cima dos carros vestidos de colono e abanando. Fãra, gente. Vamos sair desse marasmo. Se mg- nes na nossa família vamos botar prá quebrar. Olha só poderíamos colocar a mão aí em cima (aponta pro carro) nua, só com uma pintura corporal e uns penecos...

Pupá- Ma que? Varda que te dô uns croque é, Manetto. Respei- ta a tua irmã!

Mássimo- Calma, Manetto. (Mássimo coloca o braço no ombro de Manetto, com ar protetor). Manettinho, tu nom vê que Caxias nom tá pronta prá tua pós-modernidade? Aliás, pensando bem, nem na modernidade acho que chegaram... Aliás, será que tô enganado? Talvez nom tenha nada de mais pós-moderno do que um desfile da festa da uva. Pe- raí... Tenho que pensá. Agora fundiu minha cuca...

Mama- Entom, Manetto. Tu ensaia o nono ou nom ensaia?

Manetto- Não. Não ensaio. Na hora a gente bota um walk-man ne- le que ele repete a música que vocês quiserem. Se neo trocar o repertório, podemos tentar uma mordaga.

Pupá- Ma tu nom ajuda em nada, né Manetto?

Manetto- Ajudar nessa palhaçada? Nesse revival que de tao po- bre dá até medo? Meu tempo é outro, papai. Se fosse prá fazer algo mais pop, mais século XX às portas do XXI, eu até toparia, mas ficar imitando todo ano a chegada de uns colonos mortos de fome... Tem dó, né papai?

Pupá- Ma vitu que monetro criamos, mama? Nom respeita a tra- diçóm dos antepassado. Varda, Manetto, que teus ante- passado (slides dos imigrantes italianos no início da colonização da Serra Gaúcha). Chegaram aqui só com e enxada, e carroça e a corage. Aqui só tinha mato. Do trabalho. Do trabalho de tuti giorni que surgiu essa maravilha que hoje é Caxia. (Slides mostrando as fave- las de Caxias do Sul, suas indústrias e os problemas de uma cidade com crescimento desordenado). Se nom fosse pelo suor de teus antepassado, nada disso existia. Aqui lo era gente de fibra, de matar cobra e facóm, aquilo q- ra gente que lutou prá deixá um futuro melhor. Táí teu nono que nom me deixa sentir. (Nono balança-se cantando o Vira dos Memonas Assassinas. Dumbo volta a voar no céu azul).

Mama- Teu pupá tem razom. Ao menos vocês deveria respeita os antepassado. Venerá a memória deles. Mantê as tradiçóm viva.

Mássimo- Sabe que Manetto tem razom? Mantê as tradiçóm viva é ficó vestido de colono do século XIX, cantando o Mazzo-

lia? Gritando pro mundo "Mi son Lallian grassie a Dio".
Ma nem na Itália se vê isso. Vocês são mais papista que
o Papa.

Manetto- É isso aí, Máximo. Não evoluem um unho. Todo ano é
esse marasmo. E a gente tem que participar, ir de arcanjo,
carregar as uvas, etc. Quando vamos dar uma idéia
de modernização, caem de pau na cabeça da gente.

Mama- Ma Dio Cristo, fica quieto, Manetto.

Pupá- Nom, mama, dexa ele falá. Quero vê onde qué chegá o
senhor "Escova de Oro". Fale, bambino frágil, quais são
tuas idéias de modernizaçom?

Manetto- Não adiant dar idéias. Nessa família só a mama dá as
regras e a gente obedece.

Mama- Que??? Io nunca dei as regra. Ma larga esse coraçom que
já tá me dando nos nervo. (Diz a pupá que conser&a o co-
raçom de Jesus). É também, nem eu dando as regra vocês o
bedece.

Máximo- Ma tô com o Manetto. A gente nunca teve voz nessa casa.

Mama- (Dirigindo-se ao pupá). Ma tu tá escutando esses ingrato?
Tu tá vendo?

Pupá- Tô. Tô. Essa merda desse coraçom tá me deixando loco.
Daqui a pouco atiro longe. (Trabalha freneticamente tenta-
ndo consertar o Sagrado Coraçom de Jesus).

Manetto- Por que se venos uma vez vocês não deixam a gente fazer
as coisas do nosso modo, sim mama?

Mama- Ma Dio bono, vocês sempre fizeram o que quiseram. Que
tá faltando, ein?

Manetto- Essa história de carro alegórico, por exemplo.

Mama- Que tea o carro alegórico?

Manetto- A gente não pode opinar no nada. Vocês dois decidiram
fazer o Santo Sepulcro e só cabe a nós, na sua voz da
família, dizer sim mama. Sim, mama, eu ajudo a fazer a
gruta; sim, mama, eu penduro as uvas; sim mama, eu sou
o arcanjo,...

Mama- Tu nom disse "sim mama, eu sou o arcanjo". Nom vem nom
é Manetto?

Máximo- Vocês nom confiam na gente, nas nossas idéias. Tem medo
de sangue novo.

Mama- Ma vitu? "Medo de sangue novo". Cosa femo com uvas de
ia, pupá?

Pupá- Io é que acho que vô tentá uma transfuzom aqui. (Acoda
o coraçom de Jesus). Ma tu nom vê que isso aí nom é
comunista? (Aponta p ra os filhos). Tamo criando dois co-
munista. Deixa eles fazê o que quiserem, porco Dio. Tá
tudo perdido mesmo.

Mama- Ma tu é um molenga mesmo. ein pupá? Dio bono, ma per-

que as filha nunca pegavam as mãe na hora de casá?

Nanetto- Quero saber se podemos assumir a arripunção do carro alegórico.

Mama- Já, vé lá. Ma quero vé que porcaria vom faze com o Santo Sepulcro.

Nanetto- Take easy, mamãe. A gente só vai dar uma incrementada. Máximo, pega esses holofotes e coloca no lugar das velas na entrada da gruta. Essa luz lilás vai dar um ar meio místico. (Máximo liga uns holofotes na entrada da gruta).

Máximo- Esse retrato de Cristo. Não sei nom... Já muito sozinho aí. Vou pendurar do lado meu quadro do Che Guevara.

Nanetto- Aproveita e bota esse poster dos Novos Baianos.

(Nono começa a fazer sinais, tentando atrair a atenção de Nanetto).

Nanetto- Que é, nono? (Vai até o nono e pega uma capa de disco que ele lhe alcança). Mamona Assassinas? É prá botar no carro, nono? (Nono confirma alegremente). Sei não... Já. Se é prá modernizar, não podemos ter preconceitos. (Coloca a capa de disco no carro).

Mama- Ma que tem fazer lá? Vom botá tudo esses retrato aí. Entem também quero participá.

(Mama vai até aos bastidores e volta com um retrato de João Paulo II com uma moldura dourada). Bota esse junto.

Nanetto- Mas o papa, mamãe? Nada a ver...

Mama- Ma como nom tem nada a ver? É uma relíquia. O retrato do Sumo Pontífice é mio e io quero que ele vá aí em cima. Pronto!

Pupá- Io também vô botá uma relíquia. (Alcança a Máximo uma camisa de Juventude de Gazias).

Mama- Nom vô deixá o retrato do Santo Papa junto com essa imundície de Juventude.

Nanetto- Veste o arconjo com ela, Nanetto. (Nanetto veste o nono com a camisa do Ju). Já que ela é verde, vai dar um look meio ecológico. Depois a gente pendura umas samambaias nas as-

nas. (Slides das matas da Serra). Quando chegamos aqui era tudo mato, porco Dio. Serrubano

- facém. Agora, vocês vão - máquinas elétricas, lá
 cativa e vintura, derrubava o mato. Eu vou fazer
 xia e polenta e lá trazia o pombo. Um beijo
 selvagem, Forra Rio! De nata, é aqui!!!
- Manetto- Não dá pra' ele falar a boca! Com esse folatório
 rio vai pro beiseiro nossa preocupação ecológi-
 ca.
- Máximo- Hone, agora a boca é verde, nono. Diz cavigo,
 nono: Green Peace. Repete, nono: salvem as ba-
 leias. O atol de Mururoa. (Nono repete Green
 Peace, Green Peace, entusiasmadíssimo).
- Pupá- Juventude! Juventude!
- Nono- Green Peace, Mururoa, Mururoa, Juventude, Ju-
 ventude, Farmalat, Pasmalat! (Dumbo volta a
 voar alegremente).
- Máximo- Olha, prá o nono fazer algo certo, só hipnoti-
 sando.
- Manetto- Deixa prá lá. Vamos cuidar do carro. Aqui na
 entrada do gruta, o que achas da gente colocar
 algo mais quente, mais picante, aia Máximo?
 Que tal umas fotos da Madona?
- Mama- Finalmente criarem juízo. Umaz fotos da Madona,
 io concordo.
- Máximo- Tão aqui ó. (Abre uma posters da Madona no
 star, em poses eróticas). Vou pendurar. (Pen-
 dura-os no carro).
- Mama- Ma que? Que boca vergonha é essa? Nem iam pen-
 durá uma retrato da Madona?
- Máximo- Ma eco. Justo. Iai.
- Mama- (Chacoalhando puré que cêbe vidrada para as
 posters da Madona). Mitu que boca vergonha? Iu
 ma uma atitude!
- Pupá- Hom... Eco... E, deixa assim. Sem jovem. É a-
 té que questa Madona...
- Mama- Ma lá capo vocês tudo, é?
- Manetto- Socorro, mamão. Deixa com a gente. Agora va-
 mos cuidar da decoração de interiores, Máximo.
 Vamos largar lá dentro esse s almofadas de lamê
 dourado. Com a luz lilás, vai ficar ebiquérri-
 mo. Vamos pendurar também essas plumas brancas
 que é pré dar mais leveza ao carro.
- Pupá- Já parecendo um ninho de bicha.
- Manetto- Agora vamos provar as roupas, pessoal. Eu (co-
 meça despir-se e a vestir o novo traje) vou é
 com aquela minha tanga tigrada, essas sapati-
 lhas pretas e uma pluma rosa no cabeça.

Máximo- Eu vou vestido de Fidel Castro que é prá deixar Caxias horrorizada. Depois, pego uma criancinha como complemento.

Manetto- Vamos botar a mena nua, só com uma pintura corporal. Poderíamos pintar uma porção de querubins nas nádegas.

Pupá- ...e umas uva nos peito. Aliás, ali cabe um pararel inteiro.

Manetto- E tu, papai, que roupa vais usar?

Pupá- Vô de torcedor do Juventude. E se conseguir consertá essa merda desse corazón, seguro ele contra o peito que é prá mostrá la mia emoçóm.

Manetto- Tá. O nono já tá ok. Agora, só falta mamãe. Ué, cadê a mamãe? Já está quase na hora de irmos. Ainda temos que pegar a mana...

(Mama salta de trás do carro alegórico com um rolo de espichar massa; vêm bufando, furiosa).

Mama- Tô aqui seus scalssacam. Io vô de mama italiana, mesmo. Vô mostrá prá vocês com quaétos rolo se faz o torteloni. Já prá cima do carro todo mundo. (Mama ameaça a todos com o rolo e fá-los subir no carro. Sobem o nono com a cadeira de rodas). Vamo assim mesmo. Pagá mico. Família de imbecile. Presto. SÚ.

(Todos estão em cima do carro alegórico. Nono de cadeira de balanço à frente. Máximo, Manetto e o pupá mais atrás. Mama, tal qual um maestro, segura o rolo de massa).

Mama- Io capo quem vacilar. Dou uma camaçada de pau. Um dois, três (começa a cantar Mérica, Mérica, Mérica, cosa será la sta Mérica). Todo mundo cantando! (Todos acompanham-na à plenos pulmões. Pupá no meio da cantoria consegue acender o Sagrado Coração de Jesus. Mama sorri, exultante, Vão saindo em cima do carro cantando Mérica, Mérica, Mérica. No palco só fica a projeção do elefante Dumbo que agora pousa na Terra pacificamente, sorrindo.

FIM